

A discursividade e a compreensão das vozes dos outros nas fontes históricas à luz de Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg

Deane monteiro Vieira Costa

Resumo: Nossa pesquisa tem por objetivo analisar duas ideias/noções envolvidas nas pesquisas de perspectivas históricas, a saber: o caráter discursivo das fontes históricas e a compreensão das “vozes dos outros” e/ou “palavras alheias”. Assim, abordaremos aqui, tendo em vista os seus limites, essas duas noções à luz de Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg. Apesar de Bakhtin e Ginzburg serem autores que recorrem a procedimentos metodológicos distintos, porque colocam questões diferenciadas de análises, propomos, nesta publicação, as aproximações, seja na contribuição que trazem para a filosofia da linguagem, literatura, antropologia e historiografia, seja na maneira de nos “obrigar” a pensar de outra forma os objetos, conceitos e problematizações de nossos estudos.

Palavras-chave: Mikhail Bakhtin. Carlo Ginzburg. Fontes Históricas. Vozes Alheias.

27

The discursivity and understanding of the voices of others on the historical sources in the light of Mikhail Bakhtin and Carlo Ginzburg

Abstract: Our research aims to analyze two ideas/notions involved in the research of historical perspectives, namely: the discursive character of historical sources and the understanding of the "voices of others" and / or "words of others". Thus, we shall approach here, in view of its limits, these two notions in the light of Mikhail Bakhtin and Carlo Ginzburg. Although Bakhtin and Ginzburg are authors who resort to different methodological procedures, because they pose different questions of analysis, we propose, in this publication, the approximations, whether in the contribution they bring to the philosophy of language, literature, anthropology and historiography, or in the way of To "compel" us to think differently about the objects, concepts and problematizations of our studies.

Keywords: Mikhail Bakhtin. Carlo Ginzburg. Historical Sources. Others' Voices.

1. Propondo o encontro

O contato inicial que estabelecemos com Mikhail Bakhtin (1895-1975) e Carlo Ginzburg (1939-) em suas obras deu-se ao final dos anos de 2000, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), quando escolhemos, como objeto de pesquisa, os discursos e práticas situados entre as décadas de 1940 e meados de 1960, produzidos na experiência educativa da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos



(CEAA), pensada pelo Ministério da Educação e Saúde como meio possível para solucionar uma das principais “chagas” do País – o analfabetismo.²

Naquela ocasião, fizemos parte de grupos de estudos e nos matriculamos nas disciplinas³ com o objetivo de conhecer e compreender as ideias/noções desses pensadores que pudessem ser adotadas como repertório na operacionalização da nossa pesquisa e, mais ainda, que contribuíssem na produção da escrita desta história.

Foi a partir desses estudos que duas ideias/noções foram problematizadas: o caráter discursivo das fontes históricas e a compreensão das “vozes dos outros” e/ou “palavras alheias”. Ambas, em nossa opinião, estão relacionadas com os processos analíticos envolvidos na constituição dos dados e interpretações das pesquisas de perspectivas históricas. Assim, abordaremos, neste texto, tendo em vista os seus limites, essas duas noções à luz de Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg.

Inicialmente, é preciso destacar que esses pensadores produziram suas obras em diferentes momentos do século XX e, que apesar das diferenças e particularidades que marcam a produção teórica de cada um, apresentam em comum o fato de enfrentarem, na elaboração de suas ideias, o entusiasmo em acolher o passado e o presente como vestígios de experiências humanas em determinadas sociedades, contribuindo, assim, com a constituição das ciências humanas e sociais.

2. Trajetória e obras de Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg

Mikhail Mikhailóvicht Bakhtin nasceu na cidade provincial de Orel, em 1895. Seu pai, Mikhail Fedoróvitch, pertencia à nobreza não titulada. A linhagem de Bakhtin remontava ao século XVI. Seu avô fundou um banco comercial, em cujas agências trabalhavam seu pai. Bakhtin foi criado em uma

² O título da tese de doutorado: *A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos no Brasil e no Estado do Espírito Santo (1947-1963)*, orientada pela profa. Dra. Gilda Cardoso de Araújo.

³ *Bakhtin e a Educação e A Prática Historiográfica em Carlo Ginzburg: questões e desafios para a pesquisa em história da educação*, disciplinas ofertadas pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.



família liberal e culta. Recebeu a melhor educação possível e teve acesso à cultura e ao pensamento europeu. Com a idade de nove anos, mudou-se com a família para uma cidade bem maior – Vilno (capital da Lituânia). Foi aí que passou a frequentar o primeiro Ginásio de Vilno. A cidade contava com uma população formada por poloneses, lituanos – em sua maioria católicos romanos – e judeus. Os russos ortodoxos eram a minoria. Na cidade, falava-se mais de um idioma. Ela se encontrava imersa nos movimentos culturais e revolucionários característicos das duas primeiras décadas do século XX: o simbolismo e o movimento de expansão das leituras de Marx e Engels (HOLQUIST; CLARK, 1998).

Com quinze anos, Bakhtin acompanhou a família que se mudou para Odessa. Nessa cidade, durante o ano de 1913, frequentou a universidade local e depois se transferiu para São Petersburgo, matriculando-se nos estudos clássicos na Faculdade Filológico-Histórica, na qual já estava seu irmão Nicolai. Foi também em Odessa que a osteomielite – doença que o acometeu a vida toda – manifestou-se pela primeira vez (HOLQUIST; CLARK, 1998).

Em 1920, foi para Vitebsk onde ocupou vários cargos de ensino e também se casou com Helena Okolovitch. Em 1923, atacado pela osteomielite, retornou a Petrogrado. Após a instalação da doença, teve saúde frágil e morou em muitas outras cidades devido à repressão política da gestão stalinista. Mesmo com essas dificuldades, sua produção teórica foi contínua, intensa e eternamente inacabada. Faleceu em 1975, em Moscou (HOLQUIST; CLARK, 1998).

Do ponto de vista teórico, um dos traços distintivos dos escritos de Bakhtin é a preocupação em compreender o fenômeno da “interação verbal”. Segundo Toledo (2008, p. 115), “[...] essa preocupação ou esse modo de propor a problematização da linguagem e das relações humanas é o que permite a Bakhtin se posicionar em relação às diferentes teorias que mobilizam a linguagem em diferentes campos do conhecimento”.

Ao discutir as condições históricas e sociais das formas de enunciação e dos repertórios empregados na comunicação humana, Bakhtin pressupõe que todo e qualquer discurso faz parte de uma “[...] cadeia interminável e anônima



de discursos, orais e escritos, que podem ser considerados como textos que definem a cultura num dado momento” (HANSEN, 1994, p. 11). Além disso, quando o indivíduo se enuncia, nem sempre sabe que

[...] põe em ação convenções de gêneros, regras de usos, adequações, verossímeis, estilos que são sociais e formam uma memória dos usos sociais do signo. É a intertextualidade que define todo enunciado, enfim: todo enunciado mantém relação de citação de outros (HANSEN, 1994, p. 11).

Nessa perspectiva, a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, mas pelo fenômeno social da interação verbal, como produto vivo das forças sociais (BAKHTIN, 1988).

Com base no exposto, podemos argumentar que, quando se trabalha com fontes históricas, como textos, é preciso reconhecer os sujeitos que os produziram. Desse modo, os textos não são tratados “[...] como um conjunto de símbolos colocados em uma página em branco, que permanecem; são os seres humanos e suas ideias concretizadas neles. Em alguns casos, garantem permanências das ideias, em outros, o esquecimento provisório [...]” (GONTIJO, 2008, p. 166, grifo nosso).

Com a concepção dialógica da linguagem adotada, a análise histórica de um texto deixa de ser descrição de uma época em que ele foi produzido e passa a ser uma fina e sutil análise semântica, que leva em conta confrontos e deslizamentos de sentidos, apagamentos de significados e interdiscursos (BAKHTIN, 2003).

Desse modo, compreender o que se denomina *pensamento bakhtiniano* significa percorrer um caminho que envolve não apenas o indivíduo Bakhtin,

[...] mas um conjunto de intelectuais, cientistas e artistas que, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, dialogaram em diferentes espaços políticos, sociais e culturais. Sendo um homem de seu tempo, não produziu sozinho nem esteve excluído das circunstâncias benéficas e maléficas de um longo período compreendido entre as décadas de 1920 e 1970 (BRAIT; CAMPOS, 2009, p. 15).

Podemos também tomar essa afirmativa para compreender a vida e a obra de Ginzburg que, em *O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício*, chama



a atenção para o fato de ter vivido um tempo fértil de produções e discursos sobre a maneira de conceber o ofício de historiador, nos anos de 1960, juntamente com a comunidade de historiadores europeus, principalmente os italianos.

De acordo com Simões e Faria Filho (2012, p. 25), tal postura sugere que o pensador italiano está “[...] longe de conceber a sua produção como fruto de uma genialidade particular, remete-a aos seus contextos de possibilidade – os movimentos político-culturais dos anos de 1960 [...]”.

Há mais de dez anos ensinando na Universidade da Califórnia, Carlo Ginzburg divide suas atividades entre Los Angeles e Bolonha. De acordo com Pallares-Burke (2000, p. 269-270), Ginzburg “[...], nasceu em 1939, numa família judia estabelecida em Turim. Seu pai Leone Ginzburg (russo de Odessa que imigrou ainda criança para a Itália), foi professor de literatura russa e morreu numa prisão fascista romana quando Carlo tinha cinco anos de idade”.

Enquanto sua mãe, Natalia Ginzburg, se tornou uma das mais famosas e respeitadas escritoras italianas desse século, “[...] Ginzburg escolheu a história (após ter abandonado a ideia de dedicar sua vida à literatura), especialmente influenciado por Delio Cantimori, historiador italiano conhecido por seus pioneiros trabalhos sobre os heréticos italianos do século XVI” (PALLARES-BURKE, 2000, p. 270).

Segundo Simões e Faria Filho (2012, p. 25), o pensamento do historiador italiano Carlo Ginzburg “[...] não se mostra facilmente classificável, ainda que suas escolhas temáticas e teórico-metodológicas tenham resultado em tentativas de situá-lo no campo da micro-história e/ou no círculo da pós-modernidade”.

Opondo-se à noção de que os modelos narrativos interferem apenas no momento da organização dos dados, o historiador italiano argumenta que a narratividade característica da história se faz presente durante todas as etapas do processo investigativo, “[...] criando interdições e possibilidades” (GINZBURG, 2002, p. 44).

Ginzburg, ao citar as seguintes obras de Mikhail Bakhtin: *Problemas da poética de Dostoiévski* e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*:



o contexto de *François Rabelais*, indica-nos o interesse que tem na dimensão dialogal, presente nos escritos do Bakhtin, pois, para Ginzburg é possível encontrar nessas obras, tentativas bem-sucedidas de introduzir uma dissonância deliberada, que insere uma atitude dialógica numa narração substancialmente monológica – marca também encontrada nos ensaios do próprio Ginzburg.

Nesse contexto, ao voltar-se para a dimensão narrativa da história, preocupa-se “[...] com as suas implicações éticas e estéticas, [...] expressas de forma eloquente ao longo de sua obra” (SIMÕES; FARIA FILHO, 2012, p. 31). Para ele, “[...] a história humana não se desenvolve no campo das ideias, mas sim no mundo sublunar em que os indivíduos, de modo irreversível, nascem, infligem sofrimentos ou são a eles submetidos, e morrem” (GINZBURG, 2012, p. 32).

De fato, é isso que Ginzburg propõe ao estudar a enigmática imagem do Sabá: a própria história humana. O Sabá é uma imagem construída há mais de três séculos, a partir do princípio do século XV, de um extremo a outro da Europa, onde mulheres e homens acusados de feitiçaria confessaram, muitas vezes sob tortura, ter se reunido em encontros noturnos em que, na presença do diabo, celebravam-se banquetes, orgias sexuais e profanações de ritos cristãos.

A esse assunto ligam-se também temas folclóricos, como o voo noturno e as metamorfoses animais. Para o autor, da fusão desses temas “[...] com a imagem da seita hostil que pouco a pouco fora projetada sobre os leprosos, os judeus, as bruxas e os feiticeiros, surgiu uma formação cultural de compromisso: o Sabá” (GINZBURG, 2012, p. 43). Desse modo, é segura a semelhança profunda que liga os mitos depois confluídos no Sabá, principalmente em relação a um tema comum: “ir ao além, voltar do além”.

De acordo com Ginzburg (2012), este núcleo narrativo (ir ao além, voltar do além) elementar acompanhou a humanidade durante milênios. E “[...] as inúmeras variações introduzidas por sociedades extremamente diversas, baseadas na caça, no pastoreio, na agricultura, não modificaram sua estrutura de fundo” (GINZBURG, 2012, p. 311). Por que tal permanência?



[...] Talvez a resposta seja muito simples. Contar significa falar aqui e agora com uma autoridade que deriva de ter estado (literal e metaforicamente) lá e naquele momento. Na participação no mundo dos vivos e no dos mortos, na esfera do visível e do invisível, já reconhecemos um traço distintivo da espécie humana (GINZBURG, 2012, p. 311).

E conclui a obra, destacando que “[...] o que se pretendeu analisar aqui não foi um conto entre tantos, mas a matriz de todos os contos possíveis” (GINZBURG, 2012, p. 311). Provavelmente, essa busca pela matriz de todos os contos possíveis é o que movimenta a obra de Ginzburg – seja conjecturando, seja narrando, mas sempre mirando o real – aí reside uma das vicissitudes de sua carreira.

Apesar de Bakhtin (2006) e Ginzburg (2002, 2002a) serem autores que recorrem a procedimentos metodológicos distintos, porque colocam questões diferenciadas de análises, propomos, neste texto, as aproximações, seja na contribuição que trazem para a filosofia da linguagem, literatura, antropologia e historiografia, seja na maneira de nos “obrigar” a pensar de outra forma os objetos, conceitos e problematizações de nossos estudos.

Dito isso, utilizamos, para a escrita deste texto, o encontro de algumas das ideias/noções de Bakhtin e de Carlo Ginzburg, numa dimensão dialógica, sem fragmentar os olhares, pois poderíamos perder a totalidade dessa possível articulação.

3. As fontes históricas e o caráter discursivo da linguagem

Ao tratar de diversas fontes documentais, o historiador está lidando com produção de significados que, para Bakhtin (2006), é o que verdadeiramente constitui a linguagem humana.

Bakhtin (2006, p. 261) afirma que “[...] todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Logo, não há como fugir da linguagem. Estamos “todo o tempo” produzindo linguagem. Nas diversas atividades que realizamos durante “toda a nossa



vida”, temos a linguagem mediando as nossas relações. Em suma, a linguagem é produção humana que ocorre nas relações sociais.

Nessa perspectiva, para Bakhtin (1999, p. 37), “[...] a consciência não poderia se desenvolver se não dispusesse de um material flexível, veiculável pelo corpo. E a palavra constitui exatamente esse tipo de material”. Sob esse ponto de vista, a natureza do fenômeno linguístico passa a ser enfrentada em sua dimensão histórica, “[...] a partir de questões específicas de interação, da compreensão e da significação, trabalhadas discursivamente” (BRAIT, 1997, p. 99).

Sendo assim, para Bakhtin (2006), a linguagem tem dimensões dialógicas e ideológicas, que são historicamente dadas. Toda palavra tem intenções, significados. A compreensão dos discursos das fontes históricas implica não só a identificação da linguagem oficial e dos sinais normativos da língua, mas também os *hors-texte*,⁴ as intenções que não se encontram explicitadas.

Não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou “desagradáveis” “[...] a palavra está sempre carregada de um discurso ideológico e vivencial” (BAKHTIN, 2006, p. 98-99).

Mas é preciso ter em mente que a vivacidade do discurso, a partir de seus significados e direções, aponta para contextos de interações e tensões sociais. Dessa forma, “[...] os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto” (BAKHTIN, 2006, p. 111).

É justamente esses movimentos de interações e de tensões, presentes na vivacidade dos discursos, que o livro *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, de Ginzburg (1987) assinala, tendo como objetivo estabelecer as relações dialógicas entre a argumentação tecida pelo réu (Menocchio) ao longo do processo inquisitório ao qual foi

⁴ Termo utilizado por Ginzburg em sua obra *Relações de força* (2002, p. 42). Significa extratexto: “[...] o que está fora do texto, está também dentro dele [...]”.



submetido e a movimentação das diversas esferas culturais mais gerais do período, marcadas pela difusão da imprensa, pela Reforma e Contrarreforma.

A partir do rigor metodológico flexível e da ênfase à pluralidade na produção e nos usos das fontes em seus entrecruzamentos, rejeita a ideia de subordinação entre a classe subalterna e a classe dominante, “[...] preferindo adotar o conceito de circularidade cultural extraído [de] Mikhail Bakhtin que propõe a existência de uma influência recíproca entre tais culturas” (SALIM, 2006, p. 60).

Ginzburg (1987) qualifica a obra do pensador russo – *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* – de vivíssima, em relação à imagem estereotipada e adocicada de cultura popular dos estudos de Geneviève Bollème.

Para Ginzburg, ao que tudo indica, “[...] *Gargântua e Pantagruel* que talvez não tenham sido lidos por nenhum camponês, nos fazem compreender mais coisas sobre a cultura camponesa do que o *Almanach des bergers*,⁵ que devia circular amplamente pelos campos da França” (GINZBURG, 1987, p. 19).

A partir desses movimentos, Ginzburg (1987) destaca que o moleiro perseguido pela Inquisição não reproduzia simplesmente opiniões e teses dos outros. E que “[...] seu modo de lidar com os livros, suas afirmações deformadas e trabalhosas são sem dúvida sinais de uma reelaboração original” (GINZBURG, 1987, p. 101). E complementa afirmando que: “[...] é evidente que esta não partirá do nada. Cada vez com mais nitidez, vemos como ali se encontram, de modos e formas a serem ainda precisados, correntes cultas e correntes populares” (GINZBURG, 1987, p. 101).

Dotado de um ativismo especial, Ginzburg (1987) interage com a multiplicidade de vozes presentes ou ausentes na mobilização dessas fontes. Para isso, moveu-se nesse processo de investigação, interrogando, produzindo caminhos que o levaram ao provável, ao verossímil, mesmo diante das ausências (GINZBURG, 2002).

De acordo com esse autor, na avaliação das fontes documentais, o historiador precisa ter em mente que esses textos são sempre um ponto de

⁵Segundo Vera Casa Nova (1996), o calendário dos pastores, ou *Le grand calendrier compost des Bergers* (1491), foi o mais importante almanaque popular da França.



vista sobre a realidade e, por isso mesmo, seletivo e parcial, pois são diretamente condicionados pelas relações de força que se confrontavam no contexto de sua produção, conservação e manipulação.

Assim, fontes históricas não podem oferecer acesso imediato à realidade, uma vez que “[...] não são nem janelas escancaradas, como acreditam os positivistas, nem muros que obstruem a visão, como pensam os cépticos: no máximo poderíamos compará-las a espelhos deformantes” (GINZBURG, 2002, p. 44).

É preciso seguir “[...] sinais, indícios, fios que permitem decifrar zonas privilegiadas dessa realidade” (GINZBURG, 2002a, p. 177). Sendo assim, ao escavar os meandros dos textos, o historiador precisará lê-los também contra as intenções de quem os produziu, na medida em que todo texto inclui vozes, na maioria das vezes, incontroladas que podemos fazer emergir (GINZBURG, 2007).

Nessa operação, Bakhtin (2003, p. 319) afirma que: “[...] A investigação se torna interrogação e conversa, isto é, diálogo”. E continua:

Dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc.). Qualquer resenha da história de alguma questão científica (independente ou incluída no trabalho científico sobre uma determinada questão) realiza confrontos dialógicos (entre enunciados, opiniões, pontos de vista) entre enunciados de cientistas que não sabiam nem podiam saber nada uns sobre os outros. O aspecto comum da questão gera aqui relações dialógicas (BAKHTIN, 2003, p. 331).

A partir dessas concepções, as fontes (escritas, visuais ou orais) podem ser tomadas como textos e devem ser estudadas na interdependência com o contexto socioideológico em que foram elaboradas e que as envolveu. Além disso, comportam o contexto dos sujeitos que as estudam, portanto elas integram-se

[...] às formas de pensar de uma dada sociedade, do sujeito que o produziu e do investigador que busca compreendê-lo e reconstituir seus sentidos. O reconhecimento da impregnação, nos textos, de sentidos não conduz, no entanto, ao relativismo



e à impossibilidade de uma abordagem histórica dos problemas sociais (GONTIJO, 2008, p.12).

Assim, quando se trabalha com fontes históricas nessa abordagem sócio-histórica de pesquisa, as particularidades desses textos precisam ser compreendidas como uma produção de linguagem. Não numa compreensão passiva baseada no reconhecimento de um vestígio, mas numa compreensão ativa que, no dizer de Bakhtin (2006) é responsiva, pois já contém em si mesma o gérmen de uma resposta.

Dessa maneira, para Bakhtin (2003) todo enunciado se elabora como que para ir ao encontro da resposta ao ouvinte. De fato, o que constitui um enunciado é justamente o fato de dirigir-se a alguém e de estar voltado para o seu destinatário. Sendo assim,

[...] tudo o que dá valor ao dado mundo, tudo o que atribui um valor autônomo à presença do mundo, está vinculado ao outro [...] é a respeito do outro que se inventam histórias, é pelo outro que se derramam lágrimas, é ao outro que se erigem monumentos; apenas os outros povoam os cemitérios; a memória só conhece, só preserva e reconstitui o outro [...] (BAKHTIN, 1992, p. 126).

Nesse sentido, os discursos encontrados nos textos se relacionam com outros graças à relação de sentidos que se estabelecem entre eles, como uma corrente comunicativa ininterrupta. Os diálogos entre os discursos são fundamentais para o ofício de historiador, pois o texto passa a ser concebido “[...] como um ‘tecido de muitas vozes’, ou de muitos textos ou discursos, que se entrecruzam, se completam, respondem umas às outras ou polemizam entre si no interior do texto” (BARROS, 1997, p. 34).

4. As palavras alheias: vozes dos outros

Ginzburg (2002), em *Relações de força*, dedicou um capítulo a questões relacionadas com o trabalho do historiador com as vozes do outro, intitulado *As vozes do outro: uma revolta nas ilhas Marianas*. Trata-se de um arquipélago situado a leste das Filipinas no qual os índios tentaram, sem sucesso, em 1685, expulsar os espanhóis, desde 1565, que estavam instalados nessas ilhas (GINZBURG, 2002).



Nessa exposição, o autor narra a revolta indígena dialogando com vários textos, mas o foco principal é a versão dada pelos escritos do jesuíta francês Charles Le Gobien, diretor das missões jesuíticas na China. Curiosamente, Le Gobien jamais esteve nas Ilhas Marianas. Para a realização de seus escritos, publicados em Paris, no ano de 1700, que descreve a primeira fase dessa revolta, fez amplo uso das cartas enviadas pelos jesuítas da província das Filipinas (GINZBURG, 2002).

Nesse ensaio, Ginzburg cita a obra *Problemas da poética de Dostoievski* (1929), de Mikhail Bakhtin, e afirma que

[...] o grande crítico russo propôs uma distinção entre textos monológicos (ou monofônicos), dominados pela voz mais ou menos oculta do autor, e textos dialógicos (ou polifônicos), que contrapõem visões opostas do mundo, diante das quais o autor não toma partido. Como exemplos desta última categoria, Bakhtin citou os diálogos de Platão e os romances de Dostoievski (GINZBURG, 2002, p.88-89).

E é isto realmente o que chama a atenção de Ginzburg nos escritos do jesuíta Le Gobien, os aspectos ambíguos e a variedade de vozes que se articulam na escrita do diretor das missões jesuíticas na China, pois, para ele, “[...] por baixo da polida superfície retórica da narrativa de Le Gobien, percebemos finalmente uma voz diversa, uma voz dissonante, não domesticada: uma voz estranha, que provém de um lugar situado fora do texto” (GINZBURG, 2002, p. 98).

A princípio, tal postura parece desmontar as narrativas coloniais monológicas, que

[...] sustentaram a exclusão social e todos os déficits historicamente produzidos com base nos privilégios que circunscrevem o acesso ao conhecimento legitimador de ‘verdades’ universalmente aceitas, inclusive pela via escolar, e desautorizam saberes produzidos à margem da erudição e dos cânones científicos (SIMÕES; FARIA FILHO, 2012, p. 33).

No entanto, segundo Simões e Faria Filho (2012), o desmonte provocado pelo pensamento ginzburguiano nos provoca não apenas a escutar as vozes marginalizadas em sua polifonia, mas, sobretudo, a “[...] entender como diferentes vozes em disputa se constituem mutuamente em



convergências e antagonismos atravessados por relações de força” (SIMÕES; FARIA FILHO, 2012, p. 33).

Ao atribuirmos valor às diferentes vozes em disputa, assumimos que os sentidos dos enunciados são sempre “[...] produtos de cálculos, e ao jogo das compreensões, os sujeitos aparecem carregados de interpretantes, carregados de palavras, carregados de contrapalavras, enfim, carregados de história” (GERALDI, 2010, p. 88). No tocante a esses sentidos, Bakhtin (1976) nos chama a atenção para o fato de que

[...] todas as avaliações sociais básicas que derivam diretamente das características distintivas da vida econômica de um grupo social dado, usualmente não são enunciadas, elas estão na carne e sangue de todos os representantes deste grupo; elas organizam o comportamento e as ações; elas se fundiram, por assim dizer, com os objetivos e fenômenos aos quais elas se correspondem, e por essa razão elas não necessitam de uma formulação verbal especial (BAKHTIN, 1976, p. 6).

Dessa forma, Ginzburg (2002) e Bakhtin (2006) nos ajudam a pensar que os textos oficiais, por mais que priorizem a prevalência de uma única voz, em suas tentativas de silenciamento da palavra alheia, não obtêm êxito, pois as informações fornecidas pelos textos não se limitam apenas ao que está explícito; elas nos informam sobre aquilo que também foi silenciado. Assim, “[...] o que está fora do texto, está também dentro dele, abriga-se entre as suas dobras: é preciso descobri-lo e fazê-lo falar” (GINZBURG, 2002, p. 42).

A multiplicidade e a peculiaridade de vozes representantes de um determinado universo social, em um mesmo texto documental, formam o cenário onde contracenam a ambiguidade e a contradição, e o pesquisador, em sua posição, precisa participar desse processo dialógico, dotado de um ativismo especial, que privilegie outros tipos de conhecimentos, elementos imponderáveis – “[...] faro, golpe de vista e intuição” (GINZBURG, 2002a, p. 179). Essa diversidade de vozes também requer reflexões sobre o processo de compreensão da palavra do outro nas pesquisas históricas.

Para Bakhtin, em *Estética da criação verbal*, o complexo acontecimento de encontro e da interação com a palavra do outro teria sido quase totalmente ignorado pelas ciências humanas. Por palavra do outro, Bakhtin (2003, p. 379)



assinala que se trata “[...] de todas as palavras (enunciados, produções de discursos e literárias), [...] são palavras do outro”. Além disso, ele diz que, nas palavras do outro, estão incluídas as “minhas próprias palavras”.

Nesse sentido, para o autor, “[...] nós vivemos em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 379). Tudo o que me diz respeito,

[...] a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe) etc., e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão a formação original da representação que terei de mim mesmo (BAKHTIN, 1992, p. 278).

Esse aspecto das relações humanas nos leva necessariamente a pensar o tratamento que damos às palavras dos outros nas pesquisas históricas. Primeiramente, é preciso lembrar que, ao tomarmos as fontes históricas como produções humanas, estudamos os enunciados produzidos nas interações de comunicação social. Nesse sentido, Bakhtin (2003, p. 371) afirma:

Não pode haver um enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecederam e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. Entre os enunciados existem relações que não podem ser definidas em categorias nem mecânicas nem linguísticas. Eles não têm analogias consigo (Bakhtin, 2003, p. 371).

Desse modo, o enunciado é pensado por Bakhtin como resposta e, por isso, tem sempre uma orientação social e está carregado de outras vozes que o antecederam e que replicarão. Para isso, o processo de coleta e de diálogo com as fontes precisa priorizar a compreensão.

Nesse aspecto, tanto para Bakhtin (2003, p. 378) quanto para Ginzburg (2002) a compreensão está diretamente ligada à avaliação, pois é impossível uma compreensão sem avaliação. Isso se dá nas possibilidades da prática historiográfica que, em vez de se guiar meramente pelas incertezas ou, ao contrário, pela busca de verdades absolutas, guia-se pela “verossimilhança”.



Para isso, Ginzburg aponta a acuidade de que necessita o pesquisador que trabalha com fontes, considerando que sobre as “miudezas”, “detalhes” e “fios” está uma totalidade, como a da metáfora empregada por ele dos fios que compõem uma pesquisa aos fios de um tapete, composto de uma trama densa. O autor acrescenta que a “[...] coerência do desenho é verificável percorrendo o tapete com os olhos em várias direções” (GINZBURG, 2002a, p. 170). Nesse sentido, o exame dos vestígios, dos objetos, dos documentos como provas pode significar “[...] conjecturar o invisível a partir do visível, do rastro” (GINZBURG, 2002, p. 57).

No ato da compreensão e da avaliação, é preciso combater a tendência à redução de tudo a uma única consciência. A palavra precisa ser tratada dialogicamente, tornando sua narração tipicamente polifônica. Ao se posicionar assim, o historiador retrata o homem no homem e trata o homem como um sujeito da palavra, alguém que se posiciona todo o tempo perante o mundo.

Nesse modo de proceder, o ato de compreensão “[...] desenvolve-se numa luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento” (BAKHTIN, 2003, p. 378). Pensando dessa maneira, a investigação histórica altera mutuamente os sujeitos da interlocução e as palavras do outro que são transformadas “[...] em minha-alheia (ou alheia-minha)” (BAKHTIN, 2003, p. 381), produzindo inteligibilidade entre diferentes narrativas no passado, no presente e, se tivermos sorte, no futuro.

Quando estudamos o homem, “[...] encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado” (BAKHTIN, 2003, p. 319). Nessa direção, historiadores e poetas, cada um, a seu modo, “[...] têm como ofício alguma coisa que é parte da vida de todos: destrinchar o entrelaçamento de verdadeiro, falso, fictício que é a trama do nosso estar no mundo” (GINZBURG, 2007, p.14).

5. Considerações finais

Obviamente, as contribuições de Bakhtin e de Ginzburg ultrapassam o limite e a intenção da análise aqui proposta, mas delas destacamos dois



aspectos presentes em sua obra: o caráter discursivo das fontes históricas e a compreensão das vozes dos outros.

Assim, quando se trabalha com fontes históricas como textos, é preciso reconhecer as pessoas que os produziram, “[...] o discurso não se encontra em uma língua neutra e impessoal (pois não é do dicionário que ela é tomada pelo falante!) ela está nos lábios de outrem, nos contextos de outrem e a serviço das intenções de outrem” (BAKHTIN, 1988, p. 21).

Nesse caminho, as palavras do outro introduzidas em nossa fala e em nossas narrativas são revestidas de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, e tornam-se polifônicas, marcadas pela relação de reciprocidade entre essas várias vozes. Desse ponto de vista, elege-se como território, portanto, o fluxo do movimento.

[...] lugar de passagem e na passagem a interação do homem com os outros homens no desafio de construir compreensões do mundo vivido. Das histórias contidas e não contadas. Dos interesses contraditórios, das incoerências. De um presente que, em se fazendo, nos escapa porque sua materialidade “inefável” contém no aqui e agora as memórias do passado e os horizontes de possibilidades, calculados com base numa memória do futuro (GERALDI, 2010a, p. 158).

6. Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. (Voloshinov). **Discurso na vida e discurso na arte**. Tradução inédita de Cristovão Tezza do artigo Discourse in life and discourse in art, publicado como apêndice. Mimeografado.

BAKHTIN, Mikhail. (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

BRAIT, Beth; CAMPOS, Maria Inês Batista. **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

COSTA, Deane Monteiro Vieira Costa. **A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos no Brasil e no Estado do Espírito Santo (1947-1963)**: um projeto civilizador. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

COSTA, Deane Monteiro Vieira. **A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos no Brasil e no Estado do Espírito Santo (1947-1963)**: um projeto civilizador. 2012. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.

GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens**: estudos bakhtinianos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GINZBURG, Carlo. **História noturna**: decifrando o Sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **A alfabetização na história da província/do Estado do Espírito Santo**. Vitória, 2008. Mimeografado.

HANSEN, João Adolfo. **Bakhtin** – notas. São Paulo (mimeografado), 1994.

HOLQUIST, Michael; CLARK, Katerina. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

NOVA, Vera Casa. **Lições de almanaque**: um estudo semiótico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.



PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história**: nove entrevistas. São Paulo: Unesp, 2000.

SALIM, Maria Alayde Alcantara. Desafios teórico-metodológicos do conhecimento histórico: a proposta de Carlo Ginzburg. In: SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel; SALIM, Maria Alayde Alcantara. **Ensino de História, seus sujeitos e suas práticas**. Vitória: GM Gráfica e Editora, 2006.

SIMÕES, Regina; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História e historiografia no pensamento de Carlo Ginzburg: tecendo diálogos com a pesquisa histórica em educação. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Pensadores sociais e história da Educação II**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2012.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Mikhail Bakhtin: itinerário de formação, linguagem e política. FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Pensadores sociais e história da Educação I**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2008.

Deane Monteiro Vieira Costa

deane.costa@ifes.edu.br

Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000), graduação em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior Alternativo (2012), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2005) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2012). Atualmente é coordenadora do Núcleo de estudos sobre Educação, Trabalho e Juventudes (NETEJUV) do IFES/ Campus Venda Nova do Imigrante e membro pesquisador - Laboratório de Gestão da Educação Básica do Espírito Santo (LAGEBES), do Núcleo Capixaba de Pesquisa em História da Educação (NUCAPHE) e professor pesquisador do Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica-Ead (MEC/SEB/SEDU/UNDIME-ES/LAGEBES).

Recebido em: 08.10.2016

Aprovado em: 17.11.2016

